

LAVRAS NOVAS - MG: DAS MINAS DE OURO ÀS ROTAS DE TURISMO

Fabiana Nogueira Chaves

Mestre em Ciências da Comunicação (USP), produtora cultural da Universidade Federal do Acre - Ufac, onde trabalha com integração comunitária e também com educação popular feminista.

Resumo

O artigo analisa como o turismo se tornou a principal atividade econômica do distrito de Lavras Novas e as consequências dessa atividade para a identidade sociocultural da comunidade. Analisa também o papel da mídia nesse processo, incentivando o turismo predatório.

Palavras-chave: Lavras Novas; mídia; turismo; identidade sociocultural

Abstract

This paper analyzes how the tourism has become the principal economic activity of Lavras Novas district and the consequences of this activity for the community sociocultural identity. The paper analyses the role of the media in this process, encouraging predatory tourism.

Keywords: Lavras Novas; media; tourism; sociocultural identity

Resumen

El presente ensayo analiza como el turismo se convirtió en la principal actividad económica del distrito de Lavras Novas e las consecuencias de esa actividad para la identidad sociocultural de la comunidad. Analiza también lo papel de los medios, incentivando o turismo predatorio.

Palabras clave: Lavras Novas; medios; turismo; identidad sociocultural

1. Introdução

Lavras Novas é um dos treze distritos do Município de Ouro Preto – Minas Gerais, situa-se a 13 km da cidade e a 120 km de Belo Horizonte. Está localizada no alto da Serra do Espinhaço, ao sul da cidade de Ouro Preto, e possui cerca de 50 km² de extensão. A região encontra-se em uma área de transição entre a Floresta Atlântica e o Cerrado. Possui população de aproximadamente 1500 habitantes, de maioria negra (cerca de 90%)¹.

A história do distrito de Lavras Novas se confunde com a própria história de Minas Gerais, e começa com a corrida pelo ouro no Brasil colonial. O desbravamento da região de Minas iniciou no século XVII, com a descoberta de ouro por bandeirantes paulistas. Acredita-se que a exploração no distrito iniciou-se ainda no final deste século, devido a documentos históricos que comprovam esta região já estar bastante estruturada nos anos de 1711² e 1717³.

São escassos os documentos históricos sobre a formação de Lavras Novas, isso se deve, principalmente, a não existência de uma sede urbana nos arredores do povoado no final do século XVII, e também a não existência de arqui-dioceses nas regiões próximas, pois muitos documentos, neste período, eram armazenados nas igrejas. É importante ressaltar que o distrito de Lavras Novas é anterior à formação de Vila Rica – (atual Ouro Preto) e anterior também ao Arraial de Nossa Senhora do Ribeirão do Carmo (corespondente, hoje, ao núcleo da cidade de Mariana)⁴.

Por volta de 1740, a região de Lavras Novas já estava bem desenvolvida. As minas e as terras baratas atraíram muitas famílias de fazendeiros e mineradores. No entanto, a mineração começou a diminuir por volta de 1750 em toda Minas Gerais. Os mineradores deixaram a região por ser um local de difícil acesso e que, por mais que ainda existisse exploração de ouro, esta já não compensava o custo dos transportes e da chegada de suprimentos à região. A maioria dos fazendeiros, com a decadência das minas, da atividade comercial e da falta de mão de obra, também abandonou suas terras⁵.

2. A transformação da região em polo turístico

Com a decadência da atividade mineradora na região de Lavras Novas, no final do século XVIII, a população que permaneceu na região, em sua maioria escravos alforriados, passou a viver em uma comunidade fechada, onde era praticada a agricultura de subsistência. A luz elétrica só chegou à localidade em 1970, e a partir daí o distrito foi, aos poucos, recebendo os primeiros veículos de comunicação de massa elétricos. Em 1980, a região começa a se modificar, Suzana Menezes Macedo⁶ conta que:

“Quando eu cheguei aqui, em 1980, aqui era um aglomerado de pessoas que há mais de trezentos anos, viviam hermeticamente fechadas. Com um linguajar próprio, com um jeito de se vestir próprio. A televisão não tinha chegado ainda, e nenhum corpo estranho conseguia viver no meio deles, a não ser que fosse padre ou freira. Eu mesmo demorei muito para me enturmar aqui. Em 80 não tinha televisão e nem turismo aqui em Lavras Novas, era raro.”

Nair Alves Viana⁸, nascida em Lavras Novas e com 89 anos, conta que, desde a década de 1990, a localidade mudou muito:

Aqui, no meu tempo de moça, o transporte era feito de mula e essa estradinha que vem pra cá era muito ruim. Não vinha quase ninguém pra cá. Aqui era só mata. Depois que chegou a luz que começaram a aumentar as casas e o povo que vinha visitar (...). Era triste e bonito, que era muito simples. Como não tinha luz, à noite a gente se reunia nas portas das casas, do lado de fogueiras, para ouvir as histórias que os mais velhos contavam, os causos. Com o tempo isso foi acabando.”

Depois da chegada da luz elétrica à comunidade, e com a melhora da estrada de acesso, os primeiros turistas começaram a chegar, principalmente vindos de Ouro Preto e Belo Horizonte. O turismo ecológico na região foi ficando conhecido, o turismo cultural foi despontando, e com isso surgindo as primeiras grandes pousadas e hotéis. Os moradores de Lavras Novas começaram a abrir restaurantes, construir chalés para aluguel, alugar cômodos em suas casas, abrir lojas de artesanato, tudo apara se adaptar a crescente demanda dos turistas e conseguirem também lucrar com esta atividade, da qual, no início, encontravam-se marginalizados¹⁰. Até mesmo as festas populares da localidade passaram adequar seus calendários para atraírem turistas. Segundo Ferreira (2006) este processo por que passam as pequenas comunidades, novos alvos do turismo, é comum, pois,

“... atualmente, com a expansão do turismo, a nível mundial, um dos assuntos mais explorados como consumo turístico são justamente as festas populares. (...) esta opção tem sido uma alternativa para incrementar as economias locais das pequenas cidades marginalizadas pelo processo neoliberal, cuja natureza é privilegiar a produção para exportação, ignorando as economias de pequeno porte.” (FERREIRA, 2006, p. 61).

Em relação às pequenas comunidades, a autora cita ainda a ação repressiva da comunicação midiática e como o processo de globalização propagado pelas mídias podem encabeçar mecanismos de alienação, instigando a padronização de hábitos e o turismo predatório, interferindo diretamente na identidade sociocultural de um povo.

É justamente neste sentido que se abordam os processos identitários de Lavras Novas, aonde o turismo constitui a principal fonte de renda. Analisar as transformações ocorridas nas manifestações populares das pequenas comunidades é tratá-las como um termômetro das repercussões do turismo e da mídia na identidade sociocultural local. Pois, a exploração descontrolada do turismo pode produzir o que se denomina turismo predatório:

“... Um fator que influencia acentuadamente a perda de identidade cultural pelas classes subalternas é o chamado turismo predatório. É caracterizado como um tipo de turismo realizado de forma nociva para com as comunidades e os espaços envolvidos, sem equilíbrio e sem preocupação com a “capacidade de carga do território”, com o limite de tolerabilidade ao desenvolvimento, ou seja, ultrapassando parâmetros condizentes com uma adequada utilização dos recursos envolvidos. Neste tipo de turismo os visitantes agem de forma impositiva sobre os receptores em geral” (FERREIRA, 2005, p.108).

O interesse pelas pequenas comunidades e o agravamento das práticas predatórias de turismo ocorrem não somente por uma iniciativa isolada do mercado turístico, mas sim, e principalmente, por sua parceria com a mídia, que ajuda a produzir padrões de consumo.

“Considerando os veículos de comunicação e sua forma alienante de propagar uniformização e padronização através da lógica de mercado, pode-se perceber como as culturas populares subalternas, expostas ao turismo massificado, podem ter sua identidade sociocultural fortemente deslocada e deformada.” (CHAVES. FN, 2011, p. 47).

Em Lavras Novas, a divulgação dos atrativos locais na mídia veio incrementar a demanda turística no povoado, consolidando o processo de globalização e mercantilização.

3. O Turismo predatório e os impactos socioculturais

O que se promove hoje, pela indústria cultural do turismo, juntamente com a divulgação midiática, é um encontro veloz, e superficial com a cultura do outro. De acordo com Chaves (2011), promove-se um contato curto e inexpressivo, no qual se almeja acreditar na captura de uma essência do outro que na verdade não existe para o consumidor, pois a realidade que se visa consumir está fora de seu contexto social e simbólico. Os elementos das culturas populares subalternas tornam-se objetos que não têm necessidade de significação. Perde-se, muitas vezes, também a necessidade de significação para os próprios produtores das manifestações populares, pois estes passam a produzir cultura unicamente para a venda, como objetos encomendados e modificados ao gosto dos turistas, dos compradores, vislumbrando unicamente o lucro.

O turismo predatório insere as culturas populares e suas mais diversas formas de manifestação na lei da oferta e da procura, estimulando modificações culturais que possam parecer lucrativas, sem considerar a realidade dos nativos das localidades exploradas. As culturas populares passam a ser vistas mais pelo viés econômico do que pelo viés sociocultural.

Ferreira (2006), afirma que o turismo predatório é muito comum nas pequenas comunidades, geralmente pela falta de planejamento em relação às atividades ligadas ao turismo. A demanda pelo turismo cultural e ecológico é crescente, e não tem sido acompanhada pelo planejamento e administração adequados, muitas vezes por acontecer repentinamente. Localidades como Lavras Novas, que antes viviam de forma pacata, excluídas dos roteiros turísticos, passam a ter sua realidade invadida por milhares de pessoas, que, muitas vezes, se impõem ao ritmo habitual da comunidade, causando descaracterizações. D. Efigênia Vieira Viana, hoje com 73 anos, nasceu em Lavras Novas, e relata algumas mudanças ocorridas na comunidade:

“Depois que começou a encher de gente aqui, ficou ruim. Um pouco de gente é bom, anima, a gente gosta, mas nas épocas de carnaval, de virada de ano, fica uma bagunça. E o povo quer trazer cada dia mais gente. O pior é que eles põem barulheira alta, de música. Sem contar o lixo, estragam as coisas. Teve um carnaval aqui que quebraram o cruzeiro. Aquele que fica na frente da igreja, sabe? Um negócio que era da época dos escravos”¹¹.

O turismo incentivado pela mídia, que acompanha o modelo capitalista de desenvolvimento, só é possível por meio da expropriação e exploração da natureza e das comunidades, obedecendo a um ritmo imposto pelo capital. Os interesses estão no consumo final, nas fotografias, e não na experiência interativa. “A indústria turística, tal como está atualmente, é um dos principais frutos do neoliberalismo e da globalização e se alimenta, principalmente, da expansão do sistema de comunicação” (FERREIRA, 2005: p. 98).

4. Primeiros passos rumo a um turismo emancipador

Em Lavras Novas, a partir do ano de 2010, a Mesa Administrativa da Irmandade Nossa Senhora dos Prazeres (fundada no século XVIII para cuidar do patrimônio material e imaterial da comunidade), juntamente com a Associação dos Moradores de Lavras Novas, tem tomado consciência sobre o apelo desenfreado do turismo na comunidade. Segundo o atual presidente da irmandade, Wander do Rosário Lessa, há alguns anos a comunidade tem procurado reverter o quadro criado pelo turismo predatório:

“Nós vimos que a coisa tava ficando feia, mesmo os presidentes anteriores já estavam vendo isso. Precisa mudar, na verdade já estamos mudando tem um tempo. As festas tem que ser preservadas, nossa cultura, desde o século XVII existem

nossas festas. Não queremos acabar com o turismo aqui, de jeito nenhum, a gente precisa de dinheiro pra viver, mas tem que fazer as coisas do jeito certo”.¹²

É impossível negligenciar que o fator econômico seja importante, visto que a geração de receita se faz imprescindível para essas localidades, por se apresentar como maior fonte de renda, como é o caso do distrito de Lavras Novas. Tentar anular a produção de lucro por meio do turismo seria impossível, o que além de ser uma proposta inviável, não consiste na melhor maneira de fugir das formas predatórias de turismo.

O turismo não deve ser considerado uma atividade maléfica por si, a qual produz somente resultados prejudiciais. O que é prejudicial são os modos como o turismo é instigado a ser praticado. Se elaborado de forma emancipadora, o turismo pode se tornar uma atividade altamente enriquecedora, que afasta o etnocentrismo e aproxima da relativização que desperta para o conhecimento.

Para se construir um turismo emancipador, o primeiro passo é que as localidades que tem o turismo como principal fonte de renda, estabeleçam pontos prioritários para seu bem comum, procurando manter a identidade sociocultural da comunidade, bem como a conservação do meio ambiente.

“A proposta de um turismo inteligente pressupõe a participação da comunidade e do poder local no sentido de promover alguns aspectos como: conhecimento e respeito ao meio natural, participação ativa das populações locais tanto no planejamento como na implementação da atividade, abertura da possibilidade de um desenvolvimento da educação dos turistas.” (FERREIRA, 2005, p. 11-12).

É necessário que as comunidades se vejam não como produtoras de serviços culturais, mas sim como possuidoras de uma cultura cotidiana, expressa no dia a dia, disposta a intercambiar elementos com os visitantes dispostos a interagir com ela.

“Dessa forma é preciso que as iniciativas de estímulo ao turismo sejam direcionadas de maneira que permitam a expressão da diversidade e da especificidade de cada comunidade, sem que essas expressões se transmutem em mercadorias confeccionadas ao gosto médio do turista.” (FERREIRA, 2005, p.140).

No turismo emancipador, as localidades não vêm o turista como dominador, como superior por ser gerador de lucro. Nestes casos as comunidades passam a adotar a ideologia do turista para se adaptarem a ele, tornando-se “sociedades dependentes, que adotam como visão de si mesmas a ideologia de seus dominadores, rompendo toda correspondência entre seu ser e sua consciência.” (RIBEIRO, 1983, p.130)

Na maioria das culturas populares subalternas exploradas pelo turismo, é necessário desconstruir, primeiramente, o turismo predatório para que se possa aos poucos, construir um turismo emancipador, onde a comunidade passa a ser composta por sujeitos-atores, não passivos. Porém, o processo de transformação é lento, pois advém da autoconsciência das comunidades e não da intervenção externa.

Jessi Viana, presidente da Associação de Moradores de Lavras Novas, ressalta que o processo de tomada de consciência vem acontecendo na comunidade:

*“Agora nós estamos levando a sério as regras (...). Sempre marcamos reuniões entre todos os donos, todos mesmo, desde os donos de restaurante no fundo de casa até os donos das pousadas mais chiques. A gente decide o que pode e o que não pode, e tem que respeitar, se não o povo põe pra correr. Esta é a medida que estamos tomando, e dá feito (risos). Não é só ganhar dinheiro que é importante”.*¹³

O presidente da irmandade também elenca algumas medidas que vem sendo tomadas pra melhorar a qualidade do turismo de Lavras Novas:

“Nós estamos fazendo uma parceria com a secretaria de turismo para controlar a quantidade de pessoas que entram em épocas de feriado. Os carros também, só podem parar no local próprio, não podem ficar circulando por aí. Não pode som alto. Se a pessoa não obedece a gente se junta e tem que mandar embora. Qualquer morador tem o direito e o dever de ajudar, de falar, explicar, ou até de mandar pra fora, mas é raro precisar disso.(...) Outra coisa importante é que a gente não muda mais data de festa por conta de feriado, de atrair mais gente. Isso não pode, isso nós já mudamos desde 2010, e vamos manter”¹⁴

4. Considerações finais

A partir da necessidade de mudança, houve a união entre a associação de moradores, entre comerciantes, e entre a Irmandade de Nossa Senhora dos Prazeres, para juntos poderem discutir medidas que levassem a uma melhor convivência entre turismo e tradição. Os avanços conseguidos nos últimos anos representam um grande passo considerando o caráter recente da implantação de políticas para o turismo local.

Para Chaves (2011), pode-se dizer que Lavras Novas está procurando minimizar os elementos predatórios e rumando a um turismo emancipador, principalmente no que diz respeito às manifestações populares.

As alternativas construídas coletivamente abrem caminhos para novas esperanças em relação aos problemas ainda vividos. A esperança está justamente no despertar da consciência coletiva e na valorização da identidade sociocultural do povo pelo povo.



Referências

CHAVES, F. N. *As Festas Populares e o Contexto Midiático: Lavras Novas e o futuro de sua identidade cultural*. 2011.142 f. Dissertação em Ciências da Comunicação – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo 2011.

FERREIRA, M. N. *Alternativas metodológicas para a produção científica*. São Paulo. Celacc/ Eca/ USP. 2006.

_____. *Comunicação, resistência e cidadania: as festas populares*. *Comunicação e Política*, v. 24, p. 61-71, 2006.

_____. *A festa como objeto de estudo: Uma introdução*. *Extraprensa: São Paulo -Celacc-ECA/USP*, v. 8, n. outubro, p. 14-22, 2000.

_____. *Globalizar a luta para globalizar a esperança*. *Comunicação e Política*, Rio de Janeiro - R.J, v. 23, n. 03, 2005.

_____. *Os antigos rituais agrários itálicos e suas manifestações na atualidade*. *Comunicação e Política*, Rio de Janeiro, v. VII, p. 121-140, 2000.

_____. *Os desafios da produção científica no neoliberalismo: As culturas e a comunicação subalterna. Comunicação e Política, Rio de Janeiro, v. 25, p. 101-120, 2006.*

_____. *Identidade cultural e turismo emancipador. São Paulo: Celacc/ECA/USP, 2005.*

Prefeitura de Ouro Preto. Plano de inventário do acervo cultural de Ouro Preto: Secretaria Municipal de Cultura: 2012.

Ribeiro, D. *Cultura e Alienação*. In: Os brasileiros: Teoria do Brasil. Petrópoles: Vozes, 1983. p 81-166.

Site Oficial de Lavras Novas. Disponível em: <http://www.lavrasnovas.com.br>. Acesso em: 24 de agosto de 2014.

TÁRCIA, C. *Jornal Santo de Casa*. Ouro Preto: 2003, n.43.

_____. *Jornal Santo de Casa*. Ouro Preto: 2003, n.45.

_____. *Jornal Santo de Casa*. Ouro Preto: 2003, n.47.

Notas

¹ Prefeitura de Ouro Preto. Plano de inventário do acervo cultural de Ouro Preto: Secretaria Municipal de Cultura: 2012..

² Este documento trata de uma Carta de Sesmaria, escrita pelo governador e fundador de Vila Rica, General Afonso de Albuquerque, em que o nome Lavras Novas é citado para descrever caminhos da região. O documento encontra-se presente no Arquivo da Casa Setecentista de Marina.

³ Este documento cita uma festa organizada no arraial de Lavras Novas para o batizado de Maria dos Prazeres, filha de Isabel Rodrigues e do sertanista Baltazar de Godoy. O documento cita a mina “Lavras Novas do Coronel Furtado”, descoberta por membros da família Cubas de Mendonça (família de bandeirantes paulistas). O documento encontra-se no Arquivo da Casa Setecentista de Marina.

⁴ TÁRCIA, C. *Jornal Santo de Casa*. Ouro Preto: 2003, n.45.

⁵ TÁRCIA, C. *Jornal Santo de Casa*. Ouro Preto: 2003, n.43.

⁶ Suzana Menezes Macedo é natural de Belo Horizonte, reside em Lavras Novas desde 1980. É musicista, cantora e compositora. Lavras Novas foi tema de seu primeiro cd, chamado Curdiá. A cantora pesquisa música regional. Fonte: trabalho de campo realizado em 17 de outubro de 2009.

⁷ MACEDO, S. M. Entrevista concedida a Fabiana Nogueira Chaves em 17 de outubro de 2009.

⁸ D. Nair Alves Viana, que na época da entrevista encontrava-se com 89 anos, faleceu no ano de 2013.

⁹ VIANA, N. A. Entrevista concedida a Fabiana Nogueira Chaves em 18 de outubro de 2009.

¹⁰ MCHAVES, F. N. *As Festas Populares e o Contexto Midiático: Lavras Novas e o futuro de sua identidade cultural*. 2011. 142 f. Dissertação em Ciências da Comunicação – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo 2011.

¹¹ VIANA, E. V. Entrevista concedida a Fabiana Nogueira Chaves em 20 de setembro de 2013.

¹² LESSA, W.R. Entrevista concedida a Fabiana Nogueira Chaves em 20 de setembro de 2013.

¹³ VIANA, J. Entrevista concedida a Fabiana Nogueira Chaves em 20 de setembro de 2013.

¹⁴ LESSA, W.R. Entrevista concedida a Fabiana Nogueira Chaves em 20 de setembro de 2013.